

humanitas

Vol. LVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LVI • MMIV



nais, a ponto de os deuses permitirem o regresso de Protesilau à terra, ainda que só por umas escassas e intensas três horas.

O A. consagra ainda um pequeno capítulo a "Amor e Psique" (85-7), salientando que a este conto (conhecido sobretudo pela versão de Apuleio) subjaz igualmente, em vários momentos, o binómio Amor e Morte. O episódio serve ainda para recordar um receio profundamente arreigado na cultura clássica em geral: a suspeita de que a excelência humana (neste caso a beleza etérea de Psique) pode despertar a inveja divina (consubstanciada em Vénus). Mas também desta vez o Amor tem capacidade para oferecer a solução final, se for capaz de libertar-se das peias que lhe tolhem os movimentos e a livre iniciativa.

O volume encerra com um capítulo relativamente longo que tem por tema "A dialéctica entre Pólemos, Eros e Thánatos" (89-110). J. R. Ferreira evoca, sobretudo, algumas das tragédias euripidianas do ciclo troiano, onde o motivo do Amor e da Morte surge entretecido com um outro *topos*: a Guerra. De todas as abordagens, esta é aquela onde a marca do filólogo se torna mais visível e onde, por esse motivo, a linguagem "transversal" adoptada nos capítulos precedentes sofre um ligeiro recuo. Ainda assim, mantém-se inalterada a ligação ao tema central e a mesma preocupação em orientar o leitor nas grandes linhas de interpretação, centradas agora na mundividência de Eurípides. Da crítica feita à guerra, resulta, por um lado, a necessidade de harmonia e entendimento entre os Helenos, mas salienta-se, em particular, a situação deplorável das vítimas inocentes dos conflitos: as mulheres e as crianças. Conforme diz o A., a encerrar o estudo (p. 110), «ao condenar a guerra, Eurípides tem em mente não um povo ou raça, mas visa a humanidade».

Com este pequeno livro, J. R. Ferreira dá um óptimo contributo a um duplo objectivo que não deve andar arredado das preocupações de um docente e investigador universitário, em particular na área dos Estudos Clássicos: criar material de apoio a uma actividade pedagógica séria; mostrar a pertinência do estudo da cultura greco-romana, de forma agradável e acessível a um público mais vasto, sem perder nunca de vista o necessário rigor científico. Resta-nos exprimir o voto de que a este volume possam seguir-se outros estudos igualmente motivadores.

Del fim F. Leão

Ferreira, José Ribeiro, *Amor e morte na Cultura Clássica* (Coimbra, Ariadne, 2004) 112 p. ISBN: 972-8838-09-3

De prático formato de bolso, capa consistente azul clarinha a condizer com o tema, lê-se de uma assentada e com muito gosto este livrinho de uma novel editora, que se propõe, tal como Ariadne, «tecer fios para conduzir», editar livros

Humanitas 56 (2004)

para promover «a descoberta do espaço do imaginário, do sonho, da criação de ideias»...

Fez bem por se abalançar, assim, na Cultura Clássica, dos mitos, eternos, diariamente renovados, mormente este do Amor e da Morte, «amor que tanto pode superar a morte como ser a sua causa».

Por isso, José Ribeiro Ferreira analisa casos de amor que destrói (Páris e Helena) ou mata (Dejanira e Hércules, Dido e Eneias); «que leva à rejeição da imortalidade para junto da pessoa amada, como acontece com Ulisses; de amor que vence a morte» (Alceste e Orfeu). Debruça-se, por fim, no capítulo VI, sobre a dialéctica entre o amor, a guerra e a morte.

Declara o Autor que vai utilizar «um ar aligeirado» na sua escrita, abandonando, sempre que possível, a erudição, sem perder, porém, «qualidade científica», até porque não enjeita a ideia de que pontos essenciais deste binómio «possam servir de paradigma a futuros trabalhos de alunos» (p. 9).

Ora aqui está um excelente ponto para reflexão, se partirmos desse princípio de que o livrinho se poderá destinar, prioritariamente, a estudantes - como também se depreende do início do prefácio, nessa mesma pág. 9, em que se evoca o exemplo ímpar da Prof. Maria Helena da Rocha Pereira, que tinha por hábito sagrado disponibilizar (e ainda disponibiliza!) textos de apoio aos seus alunos.

Antes, porém, diga-se que nos dá, em primeiro lugar, a sensação de que o volume terá sido preparado à pressa, sem a necessária revisão - pontuação, troca de letras... Na pág. 74 (3ª linha do fim), é: a tradição; na pág. 79: sublinha a infeliz; na nota da pág. 85, será, se não erro: em Aristofonte. Eu teria dúvida em utilizar o adjectivo 'Vascular' (p. 74) para a pintura em vasos cerâmicos (vascular é termo da Fisiologia e da Botânica...); também não diria «picada de serpente» (p. 74); a nota da pág. 77 só depois é que se percebe que continua na página seguinte... De um modo geral, no entanto, são gralhas de que facilmente se dá conta e não prejudicam o sentido.

Agora, a questão fundamental que se põe prende-se com o objectivo do livro. A intenção da editora, já o vimos, é proporcionar ao leitor um texto agradável e profundo. Nesse aspecto, quando o Autor se 'solta' dos textos que está a seguir, dá-nos, na verdade, tiradas magníficas! É lindo o capítulo V, «Amor e Psique». Plenas de lirismo passagens como esta (p. 77):

«Durante sete meses inteiros, nas margens do Estrímon, junto a uma rocha, chorou e reviveu o que passou nos antros subterrâneos. Apaziguava os tigres e atraía os carvalhos com o seu canto».

Não se pense, contudo, que estamos perante mera transcrição para português, em síntese ou com alguns floreios, dos mitos deixado pelos Clássicos. A obra resulta de intenso labor de investigação, seleccionada, em cada passo, a tradução mais adequada, a interpretação mais atinente:

«Discordo, por isso, da opinião de Vellacott, de que, ao culpar Hécuba e Priamo pela Guerra de Tróia e suas consequências, as palavras de Helena são "uma irónica *reductio ad absurdum* do mesmo argumento aplicado a ela própria" e de que, ao apontar a fatalidade do poder do amor, está a reclamar um direito que os homens consideravam exclusivamente seu - a liberdade de as mulheres escolherem ou rejeitarem o marido» (p. 106).

Selecionei este exemplo, por me parecer dos mais significativos da ambiguidade que se poderá notar, aqui e além. É que, na verdade, José Ribeiro Ferreira não logrou pôr de lado a sua faceta de investigador, esquecendo-se, quiçá, do contexto em que se movimentava. Se não, vejamos: deste Vellacott se indica, em nota de pé de página: "*Ironie Drama*, pp. 138-148". E teremos de voltar atrás, à nota da p. 102, para sabermos dados mais concretos acerca da obra em questão. Ou seja: a bibliografia que vem nas p. 111-112 refere-se exclusivamente aos mitos; para a sua discussão científica - a que o Autor não se furta - a bibliografia vem apenas em notas de rodapé, porque inclusive o rol de abreviaturas da p. 11 só diz respeito a fontes utilizadas, ainda que *The Male Characters of Euripides*, de E. M. Blaiklock, se possa também (pelo tema anunciado no título) incluir nas obras a citar em nota.

Esta ambiguidade no que concerne ao público-alvo do livrinho (estudantes em fase de especialização, público em geral, investigadores especializados...) poderá, de resto, ver-se logo no teor da nota 2 da Introdução (p. 14), ratificando a apresentação do Amor como «poderoso, astuto, intratável e cruel»:

«Álcman, fr. 58 Campbell; Safo, fr. 130 Lobel-Page; íbico, fr. 286 Campbell; Anacreonte, fr. 357 Campbell, v. 2 e 413 Campbell».

E que nem Álcman nem Campbell, por exemplo, figuram nas abreviaturas da p. 11! Dir-se-á: "Quem está enfronhado nesta temática compreende de imediato do que se trata!". Nesse caso, qual é realmente o público-alvo do livro?

A questão - que me perdoe o Autor - não é impertinente e, na minha opinião, consciencializa-se agora, justamente por ter surgido este livro com estas características, e sobre ela importa doravante reflectir. Todos sabemos que difere a linguagem oral da linguagem literária; que o artigo para uma revista da especialidade tem de ter, forçosamente, uma redacção diferente, ainda que abordando o mesmo tema, do que a usada numa revista de divulgação cultural. E é esta flexibilidade que necessitamos de ter, agora que, felizmente, os catedráticos saíram das suas torres de marfim e não recusam vir a terreiro, na televisão, na rádio, nos jornais, dar conta da sua investigação - como, aliás, se preconiza e se explica no tão oportuno livro, da autoria de dois jornalistas do *Público*, António Granado e José Vítor Malheiros, em boa hora patrocinado pelo (então) Ministério da Ciência e da Tecnologia (e outra atitude não seria de esperar da clarividência de Mariano Gago), *Como Falar com Jornalistas sem Ficar à Beira de um Ataque de Nervos*

(*Guia para investigadores e profissionais de comunicação*) (Gradiva, Lisboa, Abril de 2001).

Misto, pois, de obra literária - que mui agradavelmente se lê como um romance - e de ensaio científico (com abundantes notas de rodapé) sobre o Amor e a Morte, vem pejado de bons augúrios este livro de José Ribeiro Ferreira. Primeiro, porque há uma editora a abalançar-se em tais domínios; depois, porque Amor e Morte hão-de ser sempre companheiros inevitáveis do nosso terreno peregrinar!

José d'Encarnação

Saramago, José, *Ensaio sobre a Lucidez* (Lisboa, Editorial Caminho, 2004) 329 p.

O Humanismo no Ensaio sobre a Lucidez

O *Ensaio sobre a Lucidez* é o romance de José Saramago mais marcadamente político. Trata-se de um afrontamento, que nunca foi tão satírico, ao sistema democrático. Saramago usa diálogos entre governantes, atitudes de membros do governo, tomadas de posição do governo perante a crise, para nos transmitir a ideia de que vivemos numa democracia formal, e não substancial, como o próprio autor o tem afirmado publicamente. Apesar do carácter sério que o livro encerra, o autor parece divertir-se durante a descrição de certos episódios, passagens que nos revelam um carácter profundamente satírico.

No que concerne ao título do romance, julgamos pertinente tecer algumas considerações acerca do uso do termo *ensaio*, que é, afinal, um romance. A acepção técnica do termo *ensaio* designa "(...) «uma atitude ginástica do intelecto que, repudiando o autoritarismo, pensa firmemente por si só e por si próprio. (...), o ensaio é o espírito crítico, o livre-exame» (...), o ensaio contém a discussão livre, pessoal, de um assunto qualquer."¹ Saramago ensaia a sua perplexidade perante um mundo onde a vivência actual se assemelha ao que se passa na alegoria da caverna² mencionada por Platão, na sua obra *A República*. O Autor tenta implicar-se pessoalmente no terrível mundo de todos.

O governo retratado no romance procura, em determinado momento, seduzir a população através da comunicação social, que serve de veículo de transmissão das suas ideologias e propósitos amorais; referimo-nos principalmente às

¹ Massaud MOISÉS, *Diccionario de termos literários* (4ª ed., São Paulo, Editora Cultrix, 1985)189.

² Assim como as sombras projectadas na parede da caverna são entendidas como a realidade, também o Homem actual só vê o que quer ou aquilo que o deixam ver.